

II A IMAGEM POÉTICA DA REALIDADE DO CAPIBARIBE: UMA ANÁLISE DO POEMA 'O CÃO SEM PLUMAS', DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

SILVA, Luciane Aparecida Matheus. Aluna do curso de Especialização Lato Sensu em Língua Portuguesa e Literatura na Universidade de Franca.

STEFENS, Adriana Inês Martos. Mestranda em Teoria e Crítica Literária – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC- SP), professora de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira nos cursos de Letras e Tradutor e Intérprete da Universidade de Franca – Co-autora.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o poema “O cão sem plumas”, de João Cabral de Melo Neto. Buscamos perceber de que forma a linguagem consegue mimetizar a realidade da região de Recife através da construção de imagens que, ao mesmo tempo em que representam o real, causam estranhamento pelo uso de aproximações inesperadas. Utilizamos como referencial teórico, sobretudo, algumas reflexões sobre poesia e imagem, de Otávio Paz, além de estudos críticos sobre a poesia cabralina.

Palavras-chave: mimese; linguagem; poesia; imagem.

ABSTRACT

The aim of the present article is to analyse João Cabral de Melo Neto's “O cão sem plumas”, focussing on the way that language portrays Recife's reality through the construction of images that represents the real and causes strangeness at the same time, because of the unexpected use of approximation. As theoretical reference, some reflections about poetry and image of Octávio Paz were used besides critical studies about the poetry of Cabral.

Key words: mimesis; language; poetry; image.

INTRODUÇÃO

O poeta João Cabral de Melo Neto, situado na Geração de 45, é conhecido pela racionalidade intencional, impessoalidade, consciência poética e habilidade com as palavras. Ao propor uma nova concepção de poesia produção, rompe com o tradicionalismo literário ao propor uma nova concepção de lirismo e de poesia. Estamos diante de um novo fazer poético, no qual o lirismo sentimental e confessional dos românticos e a idéia platônica de “poeta possuído” passam a ser questionados pelas idéias difundidas pelos poetas franceses Baudelaire, Rimbaud e Mallarmé. A forma como conteúdo do poema e um “eu lírico” universal são fatores desencadeadores de crítica e divergência, pois, acostumados com a revolução formal da geração de 1922 ou com o conteúdo engajado da geração de 1930, alguns críticos da época consideraram a geração de 45 um retrocesso às conquistas das gerações anteriores.

João Cabral de Melo Neto foi considerado, durante muito tempo, como um poeta antilírico, frio, seco e “neoparnasiano”. Entretanto, a poesia cabralina está longe de ser merecedora de tais críticas e sua forma hermética é consequência de um trabalho laborioso com a palavra.

O poema cabralino analisado neste artigo é “O cão sem plumas”, 1949, composto por 426 versos, divididos em quatro partes – nas duas primeiras trata da paisagem e, nas duas últimas, do discurso – e nossa intenção é levantar algumas possibilidades de significação das imagens construídas a partir de aproximações surpreendentes, que causam estranhamento. De que maneira a linguagem do poema consegue representar a realidade da região do Recife? Existe relação entre as comparações imprevistas, a iniciar pelo título, “O cão sem plumas”, e a realidade representada? Podemos pensar em uma mimese da linguagem?

Para análise do *corpus*, partiremos da opinião de críticos renomados, como João Alexandre Barbosa, Luiz Costa Lima, Marta Peixoto, Maria Angélica Santos Soares. Os conceitos sobre criação poética e poesia foram subsidiados por Octávio Paz. A questão da mimese e da verossimilhança foi tratada segundo Lígia Melitz, e os conceitos, Aristóteles.

A PALAVRA POÉTICA COMO MIMESE DA REALIDADE

A arte poética tem como princípio essencial, de acordo com Aristóteles, a questão da mimese. O verbo “imitar” em grego significa criar, implantando um modo de ser novo, uma nova realidade, e não copiar.¹ Mimese, portanto, é tomada como sinônimo de criação. Não basta copiar, é necessário representar:

A mimese poética é uma representação que resulta de um processo específico de construção a partir de determinados efeitos. A construção mimética é presidida por um critério: a verossimilhança. Tudo é verossímil ou possível na mimese, até o inverossímil, desde que motivado [...] (COSTA, 2003).

Segundo Costa, é por meio da mimese que o poeta “desrealiza” o real para realizá-lo na sua plenitude, para captá-lo no seu dinamismo de estruturação. Para Eduardo Portella, a realidade para nós não é uma construção acabada, é um dinamismo, um possível vir a ser. É por meio da mimese da linguagem que a região do Recife é representada:

*Aquele rio
jamais se abre aos peixes,
ao brilho (OCSP)²*

Capibaribe é o nome do rio deste poema, é um rio pobre, guiado por sua realidade e observação ao que se passa em suas margens. Para Benedito Nunes, o rio ocupa condição de protagonista e narra as etapas de seu percurso geográfico, como se fosse desenhando, em detalhes, a região, o povo e a cidade. Essa descrição do real relata ao leitor as condições sociais do homem:

*Em silêncio
o rio carrega sua fecundidade pobre,
grávido da terra negra. (OCSP)*

¹ Platão considera mimese como sendo uma imitação, uma cópia do objeto, enquanto Aristóteles atribui à mimese caráter de representação da realidade.

² Todos os versos, quando indicados por OCSP, foram extraídos do poema “O cão sem plumas”.

O poeta descreve que a pobreza do rio está em suas águas cheias de lama, pois são as águas em abundância que constituem a riqueza de um rio. O verso “o rio que carrega a fecundidade pobre” demonstra a falta de perspectiva de vida, sua “fecundidade”, ou seja, a esperança de uma “nova vida” é levada pela lama negra, o rio “grávido de terra negra” reforça o determinismo das condições precárias de vida daqueles que lá moram. As palavras fecundidade e grávido remetem à idéia de “vida nova”, mas no contexto do poema analisado elas ressaltam a continuidade do sofrimento e o futuro obscuro: cheio de lama ou “grávido de terra negra”. Por isso, falamos em mimese da linguagem, pois as figuras de linguagem utilizadas criam, mesmo que de forma poética, a realidade da região:

A poesia descritiva, além de manifestar a semelhança existente entre o significante e o significado, o que é comum a toda poesia, busca uma representação verossímil de um referente concreto, de um objeto do mundo físico. Michael Riffaterre comenta que a poesia descritiva, como todas as formas da mimese, cria uma ilusão de realidade. Uma das maneiras de se conseguir esta ilusão é fazer com que a linguagem poética pareça incontrolavelmente adequada ao objeto que ela representa (PEIXOTO, 1983, p. 87).

O poeta demonstra indignação ao questionar como o rio negro pode parecer pintado de azul no mapa:

*Aquele rio
saltou alegre em alguma parte?
foi canção ou fonte
em alguma parte?
Por que então seus olhos
vinham pintados de azul
nos mapas? (OCSP)*

O rio grávido de terra negra é colorido de azul no mapa. As interrogações questionam a validade do compromisso de fidelidade com o real; ora, o mapa que é considerado como representação,

oficial, do real na verdade, não é fiel à realidade, enquanto a poesia, descompromissada com o mundo real, consegue (re)apresentar o mundo em sua essência. Quem vê o rio negro pintado de azul não consegue imaginar a realidade daquela região.

O RIO, O CÃO E O HOMEM: IMAGENS SEM PLUMAS

No poema “O cão sem plumas”, deparamo-nos com a utilização de figuras, as quais são artifícios de que a linguagem dispõe para romper como o caráter monossignificativo da linguagem comum e que proporciona a pluralidade de sentidos, através de construções que constituem um certo desvio da norma estabelecida e cristalizada, causando estranhamento.

*O rio ora lembrava
a língua mansa de um cão,
ora o ventre triste de um cão,
ora o outro rio
de aquoso pano sujo
dos olhos de um cão
Aquele rio
era como um cão sem plumas. (OCSP)*

Observamos no poema que as comparações feitas pelo poeta – “Aquele rio era como um cão sem plumas” – representam um grande salto da diversidade entre os elementos que causam estranhamento, pois colocam como equivalentes o rio e o cão, não um cão qualquer, mas um cão sem plumas. De que forma as comparações de semelhanças entre elementos diferentes podem ser pertinentes?

A metáfora moderna não nasce da necessidade de reconduzir conceitos desconhecidos. Realiza o grande salto da diversidade de seus elementos a uma unidade alcançável só no experimento da linguagem e, em verdade, de tal forma que busque a maior diversidade possível, a reconheça como tal e, ao mesmo tempo,

a anule poeticamente (...) A lírica moderna, graças à capacidade metafórica fundamental de unir algo próximo com algo distante, desenvolveu as combinações mais desconcertantes, ao transformar um elemento que já longínquo num absolutamente remoto, sem se importar com a exigência de uma reabilitabilidade concreta ou mesmo lógica (FRIEDRICH, 1978, p.15).

O óbvio e o previsível não causam estranhamento, Friedrich explica que o uso de metáforas se transforma no meio estilístico mais adequado à fantasia da lírica moderna e causa impacto ao leitor porque se baseia na semelhança entre elementos diferentes. A metáfora é um dos recursos predominantes no poema analisado e por meio dessa figura a palavra poética consegue performatizar a realidade de um modo que a linguagem convencional não permite.

Para Aristóteles (2005, p.19), “a essência do enigma consiste em falar de coisas reais; isso não é possível com a combinação de palavras próprias, mas é admissível com a metáfora”. Ora, o poeta compara o rio a um cão e ainda sem plumas, ou seja, o rio é pobre pelas lamas negras, por isso é comparado a um cão. A expressão “sem plumas” utilizada no título, retomada várias vezes no poema, intensifica o quanto a região pela qual o rio Capibaribe passa é pobre e reforça a afirmação de Friedrich, do quanto as forças metafóricas são fundamentais na poesia, porque elas removem os limites de suas figuras e permitem a união de seus extremos.

O poema apresenta um percurso geográfico e na primeira estrofe observamos os termos que serão utilizados em permutações subseqüentes:

*A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro;
por uma espada (OCSP)*

Nestes versos percebemos que a cidade cortada pelo rio é semelhante ao movimento inconseqüente de um cão como ao ato de cortar uma fruta:

O rio é colhido como um complexo simultaneamente de geografia e de humanidade. Assim se entende a edificação imagética ser realizada a partir dos vocábulos ‘cachorro’ e ‘espada’. Elas nada têm de raras, de misteriosas” (LIMA, 1995, p. 248).

E os elementos comparados, rio e cidade; rua e cão; fruta e espada reaparecerão ao longo do poema em novas combinações:

*Liso como o ventre
de uma cadela fecunda,
o rio cresce
sem nunca explodir,
Tem, o rio, um parto fluente e
invertebrado
como o de uma cadela (OCSP)*

Conforme Costa Lima salientou, percebemos, no trecho acima, as novas combinações das palavras, as quais comparam o rio com o ventre de uma cadela e atribui ao poema a real pobreza do Capibaribe.

Um outro recurso presente no poema são as analogias e os símiles. Para Dante Tringali (1988, p. 132), símile “é notar semelhança e diferença entre duas coisas” e analogia “é ponto de semelhança entre coisas diferentes”, estes recursos estilísticos podem ser exemplificados:

*Como o rio
aqueles homens
são como cães sem plumas
(um cão sem plumas
é mais
que um cão saqueado;
é mais que um cão assassinado
Um cão sem plumas
é quando uma árvore sem voz. (OCSP)*

Agora, a relação entre rio e cão é uma analogia entre rio e homem. A negatividade da expressão “sem plumas” se transmite por meio de diversos degraus semelhantes e intensos. João Cabral de Melo Neto cria analogias inéditas baseadas na aparência física e na percepção de uma semelhança de função, de caráter ou de natureza essencial. Os conceitos de fertilidade, maturidade e estagnação são construídos pela analogia rio–fruta:

*Seria a água daquele rio
fruta de alguma árvore?
Por que parecia aquela
uma água madura?
Por que sobre ela, sempre
como que iam pousar moscas? (OCSP)*

A expressão fruta denota a terra contida nas águas do rio. O cão sem plumas representa a realidade obscura, sombria e sem brilho da junção entre o rio e a cidade. A união entre a paisagem humana e a física é construída por meio das metáforas com base metonímica. Segundo Dante Tringali (1988, p.134), metonímia “são palavras utilizadas no lugar de outra, não por semelhança, mas porque há entre ambas as coisas uma relação de contigüidade”, ou seja, a relação entre “cão sem plumas”, “rio”, “cidade” e “homem” não é estabelecida a partir de uma relação de igualdade, mas sim por critérios de proximidade, o que media a comparação é uma condição comum. Conforme Marta Peixoto (1983), a semelhança entre os elementos que se mantêm em contigüidade espacial, próximos uns dos outros, contribui para prender o homem e o meio ambiente, cuja relação prejudica ambos:

*Ele tinha algo, então
da estagnação de um louco,
algo de estagnação
do hospital, da penitenciária, dos asilos,*

*de vida suja e abafada
 (de roupa suja e abafada)
 por onde se veio arrastando. (OCSP)*

Nestes versos percebemos que o rio materializa aspectos da paisagem e do sistema social em decadência. O homem que vive neste sistema social é representado no poema de maneira perturbadora:

*Na água do rio,
 lentamente,
 se vão perdendo
 em lama, numa lama
 que pouco a pouco
 também não pode falar:
 que pouco a pouco
 ganha os gestos defuntos
 da lama;
 o sangue de goma,
 o olho paralítico
 da lama
 Na paisagem do rio,
 difícil é saber
 onde começa o rio;
 onde a lama
 começa do rio;
 onde a terra
 começa da lama;
 onde o homem,
 onde a pele
 começa da lama;
 onde começa o homem
 naquele homem.
 Como o rio
 aqueles homens
 são cães sem plumas (OCSP)*

Não há distinção entre homem/rio/lama, os aspectos humanos, geográficos e sociais fundem-se através destas construções metafóricas, nas quais o rio e o homem são “cães sem plumas”. As metáforas e os símiles baseados na semelhança entre as condições reais do homem e do meio retratam, de forma objetiva, o mal causado pelas condições sociais em detrimento das condições físicas da região, o que resulta num “homem sem plumas”. Peixoto (1983) comenta que essas construções metafóricas representam um realismo transcendental, responsável pelo caráter de verossimilhança do poema, desta forma, percebemos que são as figuras de linguagem que conseguem mimetizar as reais condições da vida natural e social daquela região.

A IMAGEM DE CONTRÁRIOS

Segundo Otávio Paz (1971, p. 48), “a imagem é um recurso desesperado contra o silêncio que nos invade cada vez que tentamos exprimir a terrível experiência que nos rodeia nós mesmos”. Nessa perspectiva percebemos em “O cão sem plumas” que a imagem realiza-se por meio da descrição dos elementos concretos comparados, que possuem características contrárias que se fundem, ou seja, quando o rio é comparado a um cão sem plumas, atribuímos ao rio as características de um animal que não tem como sobreviver e constatamos que para a sobrevivência do rio é preciso água em abundância, o que ele não possui.

Quando as características do rio e do cão se fundem, recriamos, por meio da palavra poética, a imagem da própria realidade do rio cheio de lama. O fenômeno antropomórfico concede características humanas ao rio:

*O rio sabia
daqueles homens sem plumas
Sabia de suas barbas expostas,
do seu doloroso cabelo
do camarão e estopa.
E sabia*

*Da magra cidade
Sabia dos caranguejos
de lodo e ferrugem.
Sabia da lama (OCSP)*

É atribuída ao rio consciência humana, o rio sem plumas “sabia” do homem sem plumas. Luiz Costa Lima (1995), sobre a fusão entre rio e homem, comenta que os habitantes possuem as mesmas características que constituem o rio. O sintagma “sem plumas” passa a se referir também ao homem, que vive às margens do rio, em situação tão precária que, segundo o próprio Cabral, não ultrapassa os 28 anos.

Observamos também em “O cão sem plumas”, a percepção sensorial através da construção de imagens sinestésicas:

*Aquele rio
era como um cão sem plumas
Nada sabia da chuva azul,
da fonte cor-de-rosa,
da água do copo de água,
da água de cântaro,
dos peixes de água,
na brisa na água.*

*Sabia dos caranguejos
de lodo e ferrugem.
Sabia de lama
como uma mucosa.
Devia saber dos polvos.
Sabia seguramente
da mulher febril que habita as ostras.
(OCSP)*

Nos versos acima, a chuva azul, fonte cor-de-rosa, copo de água, água de cântaro, peixes e brisa aparecem em oposição às imagens dos

caranguejos, do lodo e da ferrugem, da lama, da mucosa, dos polvos e da mulher febril. Através das cores rosa e azul e da presença do elemento água, presentes no primeiro grupo, é construída uma imagem positiva que remete à vida, a leveza e a tranquilidade, enquanto as imagens do segundo grupo são de cunho negativo: o caranguejo, que anda para trás; o lodo, a ferrugem e a lama criam imagens sombrias e escuras, ou seja, imagens sem plumas, e são essas as imagens que o rio conhece. Alexandre Barbosa (2001, p. 39) comenta sobre a dicotomia de imagens criadas pelo poema bem como sua relação com o homem que habita a região:

Nas duas “paisagens do Capibaribe”, trata-se, por um lado, de indicar o modo pelo qual o rio sabe ou não sabe daquilo por onde passa e, por outro de estabelecer a relação entre o que foi definido “sem plumas” e o próprio homem que habita as suas margens.

De acordo com Marta Peixoto, a transformação ocorrida pelo percurso do rio, a partir de “Fábula do Capibaribe” e “Discurso do Capibaribe”, revela o significado do rio, separando-o do seu curso geográfico e focalizando-o na memória: aquele rio/está na memória/ como um cão vivo. A analogia rio-cão modifica o seu calor: de manso e humilde é agora “vivo acima de tudo”:

O significado simbólico da fábula deriva-se desta luta, que sugere, implicitamente uma forma de ação para os “homens sem plumas”. O rio, humilde e pobre, fortifica-se na união a outros rios. Juntos todos os rios preparam a sua luta, e na exploração de seus próprios recursos previamente desconhecidos (PEIXOTO, 1983, p. 99).

O poema, ao celebrar a luta, sugere, de forma implícita, a ação dos homens sem plumas:

*porque é muito mais espessa
a vida que se luta
cada dia,
o dia que se adquire*

*cada dia,
o dia que se adquire
cada dia. (OCSP)*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise realizada, percebemos que o uso de metáforas e analogias como “rio/homem”; “rio/fruta”; “cão sem plumas/homem sem plumas” é responsável pela construção de imagens no poema “O cão sem plumas” e causa estranhamento ao leitor, porque tais imagens são comparações baseadas em diferenças. São elas que conseguem recriar a realidade do Capibaribe.

A descrição do meio e do homem da região do Recife foi mimetizada pela linguagem. A utilização de comparações imprevistas e palavras concretas, “espada/ fruta/ rio/ cão/ homens/ terra”, fazem com que o poema consiga materializar a realidade rústica, seca e discrepante daquele lugar.

Com este estudo sobre um poema da obra cabralina, tentamos encaminhar-nos para a totalização do poema, mas sabemos que a linguagem poética estará, evidentemente, além de nossas apreensões. Seu poder é sempre maior, em decorrência de sua natureza disseminada, portanto, o que fizemos foi levantamento de possibilidades.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES, 384-322 AC. *A poética clássica: Aristóteles, Horácio e Longino: introdução*. 7. ed. Por Roberto de Oliveira Brandão; tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruna. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

BARBOSA, J. A. *João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Publifolha, 2001.

COSTA, L. M. da. *A poética de Aristóteles: mimese e verossimilhança*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

FRIEDRICH, H. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. Tradução de Marise M. Curioni. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

LIMA, L. C. A traição conseqüente ou a poesia de Cabral. In: *Lira e antilira: Mário, Drummond e Cabral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

PAZ, O. *Signos em rotação*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. Organização e revisão de Celso e Harold de Campos. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1971.

PEIXOTO, M. *Poesia com coisas: uma leitura de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Perspectiva, 1983.

TRINGALI, D. *Introdução à retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.